

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Práticas educativas de combate
à discriminação no ensino
de arte através da Oficina de
Fotografia da Latinha no Terreiro
– Educação Quilombola



Lucas Miguel Teixeira



Conselho Editorial

Elizabeth Madureira Siqueira – IHGMT

Renilson Rosa Ribeiro – UFSCar

Nileide Souza Dourado – NDIHR/UFMT

Sérgio Henrique Puga da Silva – UFMT

Adrienne de Oliveira Firmo – USP

Adriana Gonçalves Pio – UNIVALE

Daniela Bitencourt Bueno – FMUSP

Madelene Marinho e Silva – UNESP

Lucas Miguel Teixeira

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Práticas educativas de combate à discriminação no ensino
de arte através da Oficina de Fotografia da Latinha no
Terreiro – Educação Quilombola



© Lucas Miguel Teixeira, 2025.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução de partes ou do todo desta obra sem autorização expressa do autor (art. 184 do Código Penal e Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

T266 Teixeira, Lucas Miguel.

Educação antirracista: práticas educativas de combate à discriminação no ensino de arte através da oficina de fotografia da latinha no terreiro – educação quilombola / Lucas Miguel Teixeira. 1ª ed.

São Paulo/SP, 2025.

42 p. color. PDF

ISBN:

1. Fotografia. 2. Ensino. 3. Quilombola. 5. I. Título.

CDD: 370.946

Produzido em parceria com:

Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)



Informações de contato do autor

litania.das.aguas@gmail.com

Revisão e Normalização Textual:

Paruna Editora

Capa, Editoração e Projeto Gráfico:

Candida Bitencourt Haesbaert – Paruna Editorial



Paruna Editorial

Rua Lima Barreto, 29 – Vila Monumento

CEP: 01552-020 – São Paulo, SP

parunaeditorial@gmail.com

www.paruna.com.br

SUMÁRIO

Apresentação	6
A escolha do espaço	7
As oficinas	8
Percurso metodológico	10
Etapas	13
Confecção e utilização da câmara de lata	15
Entendendo os materiais	16
Construção passo a passo	16
Lista de materiais	19
Fotografar e revelar	20
Atenção e cuidados para o professor(a) oficineiro(a)	23
Galeria	24
Participantes durante a oficina	24
Agradecimentos	29
O resultado	30
Série de estudos	37
Referências	39
Sobre o autor	40

Apresentação

Essa cartilha é resultado do trabalho de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ensino das Relações Étnico-Raciais – PPGER, da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB. É uma síntese dos procedimentos sobre a investigação CRIANÇAS E VISUALIDADES: CRUZAMENTOS DO TERREIRO, DA ESCOLA E DO ENSINO DA ARTE, a partir da organização da oficina de Fotografia Artesanal da Latinha (pinhole) realizadas com as crianças que frequentam o Terreiro e a escola de Educação Básica na Comunidade Quilombola de Helvécia, no Distrito de Nova Viçosa, Bahia, com o objetivo de produzir e capturar as visualidades feitas por estas crianças para demonstrar a necessidade de renovação do Ensino da Arte na esfera da Lei n. 10.639/2003, além de colaborar para ajudar a recriar a leitura discriminatória que as pessoas manifestam em relação aos espaços dos Terreiros.

As oficinas evidenciaram uma questão norteadora: como a escola da comunidade se relaciona com as crianças de Terreiro e como as crianças de Terreiro se relacionam com a escola. Ao valorizar a condição da criança de terreiro, nos possibilitou reflexões de ensino na perspectiva antirracista ao deslocarmos o Ensino da Arte para o ambiente do Terreiro Pai Benedito, onde as oficinas foram realizadas.

Certificamos que o desconhecimento é um fator importante na propagação do preconceito, principalmente em relação ao espaço pesquisado, por isso, para essa pesquisa, optamos por realizar as oficinas no espaço físico desse Terreiro, para que a convivência e divulgação de informações sobre a Umbanda tornem-se instrumentos de inclusão e sejam fundamentais para combater a desinformação e diluir essa visão distorcida do ambiente religioso de culto na comunidade. Desconstruir essa visão estereotipada logrará contribuir para uma educação antirracista, combater a intolerância e poder desempenhar um papel crucial na luta contra a discriminação, promovendo a conscientização e a defesa dos direitos dos praticantes da Umbanda.

O trabalho destacou o encantamento da foto criada nas oficinas revelando a capacidade de resultado feito pelas crianças, ao traduzirem sentidos profundos por si mesmas, apresentarem um efeito de beleza e autonomia capaz de fomentar a luta antirracista na tradução sensível do mundo infantil, levando em consideração a cosmopercepção de cada criança.

Ao propor desconstruir brincadeiras racistas e estereótipos observados na sala de aula, buscamos combinar arte, beleza e alegria manifestadas em cada surpresa na magia que é a revelação da fotografia analógica.

A escolha do espaço

Como em outras localidades, na escola da Comunidade Quilombola também percebemos o preconceito contra a Umbanda. Um comportamento de intolerância religiosa que se manifesta em agressões verbais, embora acreditem que é apenas uma brincadeira. Acusações do tipo "são do mal", são recorrentes em sala de aula. Ainda não temos informações ou registros na comunidade de violência física contra terreiros e praticantes, mas de forma sutil, acontece discriminação institucional e a demonização da religião por parte de algumas pessoas e essa intolerância tem raízes históricas no racismo e na colonização.

Manifestações do preconceito são percebidas quando nossos estudantes na escola, ou na maioria das vezes em casa, com seus pais ou familiares próximos, por serem praticantes. São chamados pejorativamente de "macumbeiros" e acusados de serem "do diabo", preconceito esse com origem no colonialismo e em teorias racistas que associaram os povos africanos à raças inferiores e à práticas "demoníacas".

Talvez, por esse espaço guardar os "segredos" dos ritos da fé na casa edificada, nem sempre compartilhada pelos líderes espirituais da Umbanda, enquanto estratégia para se protegerem, os invasores europeus cristianizados acabaram demonizando até mesmo a casa enquanto espaço físico, deixando uma herança negativa, como o relato de uma professora da comunidade, que não quis se identificar: "só em passar nessa rua (referindo-se a rua onde está localizado o Terreiro), sinto um mal estar".



Terreiro de Umbanda
Pai Benedito. Foto do autor.

As oficinas

Além da discussão da educação antirracista, as oficinas proporcionaram um pré-acesso à cultura visual, do aprendizado da técnica fotográfica artesanal e da geração de imagens autorais na perspectiva de servir para evidenciar o processo criativo e autônomo das crianças frequentadoras de Terreiro, na Comunidade Remanescente Quilombo de Helvécia. A oficina experimental foi capaz de demonstrar para as crianças participantes que existem muitas possibilidades de acessar a linguagem da arte, realizar e usufruir de cada obra concebida.

No espaço escolar, observamos que a escola e a sala de aula têm sido um espaço de severa hostilidade para as crianças de Terreiro. A pesquisa aconteceu na perspectiva da contemplação do estabelecido na Lei n. 10.639/2003, em relação ao ensino da ARTE, e propôs revelar que existem formas distintas de educação aprendida nos Terreiros, onde existe uma estética dos remanescente de quilombo, que é diferente da historicamente ofertada na escola formal.



Nesse espaço de diálogo com esse cotidiano, confrontamos e aproximamos universos que as crianças percebem no manuseio frequente de várias mídias do tempo presente, principalmente aparelhos celulares. Sabemos que o acesso constante das ferramentas digitais de captação e de compartilhamento facilitou e popularizou, tanto a criação quanto o consumo de imagens, consolidando a fotografia como um meio de comunicação extremamente acessível e eficaz na geração de sentidos. De tal forma que, diante da quantidade de reprodução, divulgação e compartilhamento em redes a que somos expostos, torna-se necessário nas escolas, através das aulas de arte, ampliar as metodologias que apresentem a linguagem da fotografia como ARTE.

Os educadores, ao acessarem essa proposta, poderão emitir conceitos e narrativas artísticas junto às nossas crianças de Terreiro, para que não sejam apenas consumidoras de imagens, mas atrizes e atores sociais com o olhares críticos, desenvolvendo a consciência de quem somos no mundo, quais são nossas responsabilidades e de que forma podemos fazer melhorias que incluam metodologias alternativas, como as propostas nessa ação de oficinas no espaço físico de referência cultural e sagrada dos remanescentes de quilombo de Helvécia.



Cards postados para divulgação das oficinas nas redes sociais..
Fonte: Facebook da Associação Quilombola de Helvécia – AQH.

Percurso metodológico

Durante o percurso, inicialmente exibimos o documentário-curta sobre “crianças de terreiro”, afim de que cada participante, ao acessar esse conteúdo, se percebesse no ambiente de realização da ação, interrelacionando-se com as poéticas do entorno a fim de criar um ambiente preparatório favorável para o ato criativo.



Exibição do curta sobre “crianças de terreiro”, no dia 04 de julho de 2025, na Escola Municipal João Martins Peixoto. Foto do autor.

Mostramos o vídeo didático sobre “A história da fotografia”, discutimos a fotografia manipulada explorando a fotografia, não apenas como técnica, mas como expressão artística e ferramenta de comunicação.



Crianças participantes da Oficina analisando a fotografia artesanal apresentada em vídeo, em 07 de julho de 2025. Foto do autor.

Nas oficinas, a fotografia é apresentada como um dispositivo de comunicação constituído de linguagem própria, com capacidade de expressar ideias, conceitos e significados, que dependem menos do equipamento e mais do uso adequado dessa linguagem, justificando que as imagens capturadas e reveladas pelas crianças também podem se enquadrar no conceito de arte. Grande parte dos arte-educadores que influenciam o ensino de arte no Brasil, seguindo orientações teóricas e metodológicas da professora Ana Mae Barbosa, quando sugerem a criação, a fruição e a contextualização da produção em arte, partilham dos mesmos pensamentos. Ela propõe "uma abordagem triangular no ensino de arte que inclui a apreciação de obras de arte, a contextualização e o fazer artístico" (Barbosa, 2010).

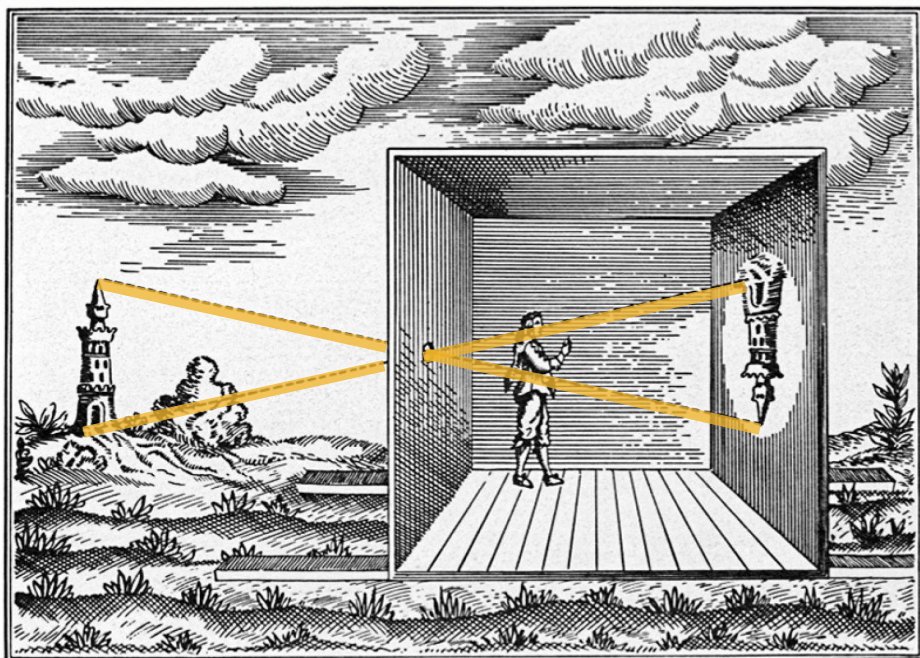
Existem formas diferentes de aprender e experimentar metodologias alternativas para o conhecimento e a compreensão da arte e sua dimensão estética nos ambientes sublimes dos remanescentes de quilombo e suas cosmologias, pois "nossas crianças de Terreiros compreendem e vivenciam outras formas de educação, diferentes da escola formal" (informação recolhida em conversa com o Zé Maia).



Apresentação de informação teórica sobre a História da Fotografia Ilustrada para os participantes da oficina. Foto do autor.

Etapas

A técnica fundamental da máquina de latinha é a confecção de uma passagem de luz através de um buraco de agulha, princípio identificado pelos gregos a mais de 2000 anos.



Estudos da imagem invertida na câmara obscura, mostrando o princípio da projeção da luz através de um pequeno orifício (pinhole), formando uma **imagem invertida** do mundo exterior em uma superfície interna. Ilustração: Johann Zahn, em seu livro "Oculus Artificialis Teledioptricus sive Telescopium" (1685). Interferência de cor do autor.

Esse recurso foi experimentado pelas crianças com as máquinas fotográficas feitas com latas para ajudar a discutir a aplicação da Lei n. 10.639/2003 no campo da ARTE. Sendo a escola um lugar de identificada hostilidade para crianças frequentadoras de terreiro, é proposto identificar nas oficinas, nas rodas de conversas e nos resultados alcançados através dos procedimentos aqui sugeridos, como a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana deve conectar com a Arte e suas reflexões com fins de dirimir as insistentes formas e permanência do racismo e do preconceito na escola.

Para as crianças, foi a primeira vez que tiveram contato com uma atividade dessa natureza e a primeira oportunidade de ver uma imagem ser revelada analogicamente, diferente de captar uma foto com o celular e ver o resultado instantaneamente, da mesma forma que se torna imagem morta em apenas um toque de dedo na tela, pois a digitalização substituiu o encantamento da criação analógica.



Produção das latas na oficina. Foto do autor.

Confecção e utilização da câmera de lata

A seguir, seguem as informações repassadas antes da atividade, como parte da "orientação técnica" da oficina.

O interior da lata é pintado de preto e um pequeno furo é feito para a entrada da luz. De acordo com essa técnica, a luz entra por esse pequeno orifício e se projeta no papel que vai ser inserido internamente na lata. O processo produz a imagem em ponta-cabeça e dá uma leve arredondada na imagem, por conta do formato da lata.

O papel fotográfico é colocado dentro da máquina artesanal (lata) em uma sala em total escuridão. Somente com a lata bem fechada e o furo coberto com fita isolante é possível gravar a imagem. A fotografia pode ser feita em ambiente interno ou externo, desde que tenha uma luz natural favorável, ou seja, o sol intenso.

Os participantes devem ser informados sobre o cuidado que devem ter ao usar essa técnica que, ao capturar cenas em movimento, o resultado ficará tremido.

O último passo é a revelação da foto, onde a duração para a imagem ficar pronta dependerá da luminosidade do dia em que serão realizadas as experiências.

Da mesma forma em que foi inserido, o papel só pode ser retirado da lata no escuro e, em seguida, ser mergulhado no líquido revelador.

Nessa oficina, o objetivo é que o processo de idealizar a imagem e vê-la surgindo no papel durante a revelação seja um grande momento para as crianças, mágico e encantador.

Não dá pra dizer exatamente que é uma fotografia de acordo com os critérios que as crianças já reconhecem através das tecnologias atuais, por isso, cabe a nós, professores(as) ministrantes do campo do ensino de arte, colaborarmos para instrumentalizar e alfabetizar esteticamente nossas crianças com os conhecimentos sobre a história da arte e da fotografia. Nossa responsabilidade deve ser continuar capacitando-os e encorajando-os na busca da autonomia estética, melhorar sua autoestima e posicioná-los como cidadãos críticos capazes de, não apenas consumir o universo visual das mídias e redes, mas também compreender os princípios da fotografia analógica e sua trajetória através dos tempos e do seu lugar como obra de arte.

Ao ter noção da câmera obscura, materiais fotossensíveis e, principalmente, o encantamento de ver o mistério da revelação de uma imagem imaginada, é na revelação que registramos essa grande surpresa.

Dessa forma, a realização dessas ações originais, pela primeira vez realizadas no ambiente de Terreiro, servirá para qualificar o ensino da arte para as crianças frequentadoras de Terreiro e da escola, tornando-o referência para os argumentos pretendidos pela Lei n. 10.639/2003.

Entendendo os materiais

A oficina da foto na latinha trata-se de um conhecimento técnico para aproveitamento da luz natural que vem resistindo há milênios. O princípio do papel fotográfico é uma base flexível recoberta com uma gelatina cheia de sais do elemento químico Prata. A emulsão nesse papel, ao receber luz, escurece e, nos pontos em que não recebeu luz, permanece da mesma cor (branca). A câmera obscura projeta a imagem do exterior para dentro da câmera através do orifício. Como as áreas claras de um objeto refletem mais luz, essa área vai projetar mais luz pra dentro da câmera. Então, nas partes em que esse reflexo tocar a emulsão, haverá um maior escurecimento dos sais de prata (quanto mais luz, mais escuro) e, nas partes que o objeto refletir menos luz (as partes escuras do objeto), haverá menor escurecimento da prata. Perceberemos que, assim, a imagem na Câmera Artesanal da Latinha vai ficar, num primeiro momento, “errada”, invertida.

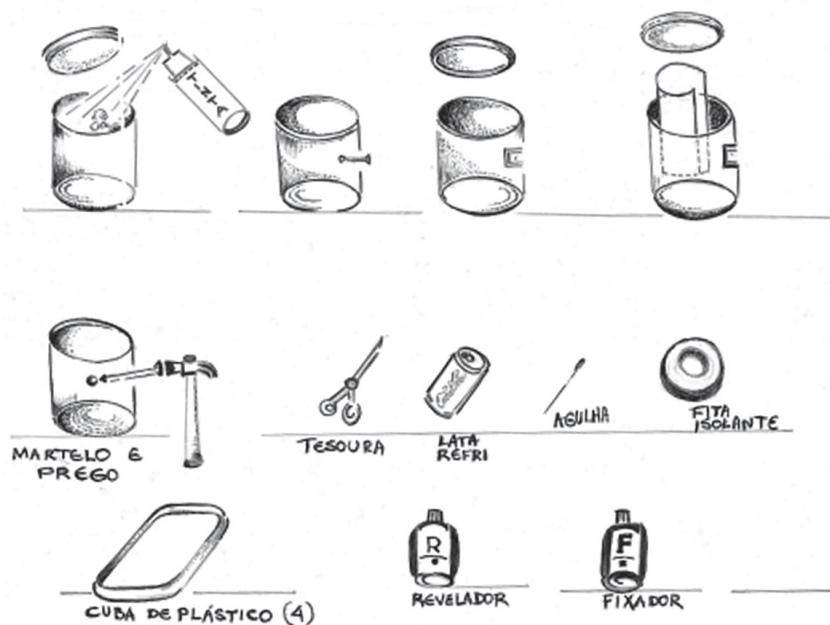
Construção passo a passo

1. Pintar a latinha por dentro com tinta *spray* preta (inclusive a tampa);
2. Usando o prego e o martelo, fazer um furo na lateral da lata;
3. Cortar com uma tesoura um quadrado da parte mais macia da lata;
4. Colocar o quadrado em cima de um bloco de papel (ou de uma borracha), pegar uma agulha ou alfinete e fazer um furo bem pequeno no meio do quadrado;
5. Certificar-se de que a agulha atravessou o alumínio inteiro fazendo um furinho. Quanto menor e mais redondo o furo, melhor a qualidade da imagem que vai ser obtida;
6. Usar uma folha de lixa para aparar rebarba de alumínio que ficar em volta do furo da câmera;
7. Sobrepor o quadrado no furinho com o furo maior, fixando com fita isolante na lata, de modo a não passar nenhuma luz pelas laterais do quadrado;
8. Usar outro pedaço de fita isolante e colar por cima do furo. É esse pedaço de fita que servirá para abrir e fechar para fotografar com a máquina de latinha.

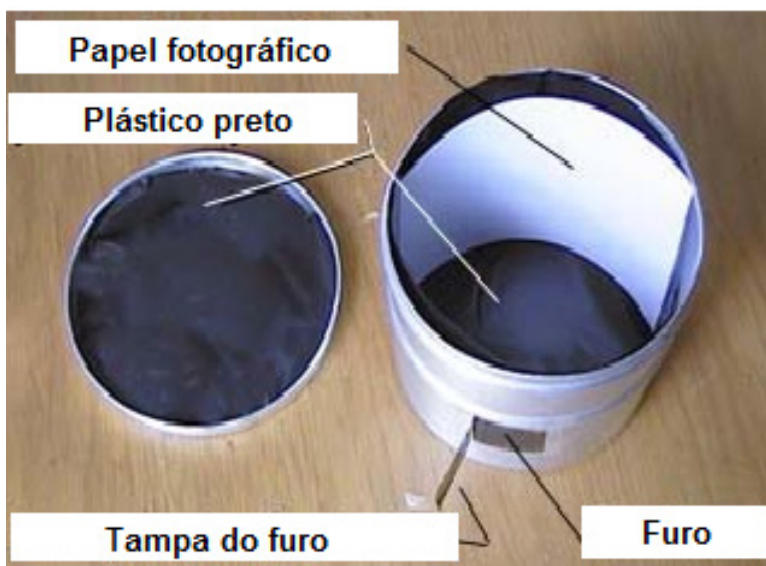


Escurecendo o interior da lata com tinta spray preta. Foto do autor.

OFICINA DA LATINA NO TERREIRO



Passo a passo da Oficina de Latinha no Terreiro. Ilustração do autor.



Como fica a latinha montada com os materiais. Fonte: <https://fisicaestressante.blogspot.com/>

Lista de materiais

- Latas de alumínio (de preferência de leite em pó) para a construção das câmaras;
- Papel sensível (papel fotográfico);
- Revelador para papel fotográfico para revelação e fixação da imagem;
- Interruptor Fotográfico (água);
- Fixador para Papel Fotográfico;
- Cartolina preta;
- Tesouras;
- Agulha de costura ou alfinete (bem finos);
- Folhas de lixa;
- Papel laminado;
- Prego grosso;
- Martelo;
- Fita adesiva;
- 03 Bandejas plásticas de PVC para colocar os químicos (de tamanho maior que papel A4);
- 03 Pinças de plástico (uma para o revelador, outra para o fixador e uma para água).
- Lâmpada vermelha de segurança;
- Pano tipo TNT para vedação do ambiente (de acordo com o tamanho do local), pois não deve ter nenhuma fresta de luz;
- Um computador ou notebook com *datashow* para acessar vídeos e documentários.



Lata



Papel fotográfico



Revelador



Fixador



Água



Bandejas



Pinças



Tesoura



Agulha



Prego

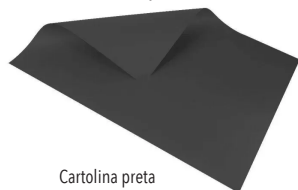


Fita isolante



Lixa

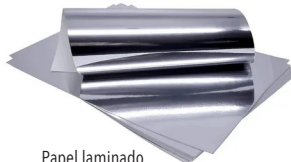
Martelo



Cartolina preta



TNT preto



Papel laminado



Computador

Fotografar e revelar

A revelação na Fotografia da Latinha consiste em mergulhar o suporte fotossensível já exposto dentro de uma solução química especial, o revelador fotográfico. Esse produto age como um "catalisador" dessa imagem latente. Após a revelação, é preciso mergulhar em uma bandeja com água para interromper a revelação a fim de que a mesma não exceda e torne o papel totalmente escuro ou indefinível. Depois de mergulhar num recipiente com um fixador, a última parte do processo é a lavagem abundante em água corrente para retirar todos os excessos de químicos do papel.

Depois de confeccionada a máquina artesanal corta-se o papel fotográfico de um tamanho adequado para acomodar bem dentro das latas escolhidas, geralmente, sendo uma lata de leite em pó, o tamanho aproximado é de 10 x 12 cm.

Em seguida, posiciona-se o papel fotográfico dentro da câmera do lado oposto ao furo e, com o lado sensível (brilhante) voltado para o furo, se o pedaço de papel fotográfico ficar um pouco instável lá dentro, pode-se colar o fundo com um pedacinho de fita adesiva isolante. Todo esse processo, desde o momento em que se abre o pacote do papel fotográfico até o momento de tampar a lata, deverá ser feito em ambiente sem nenhuma luz externa, apenas com a luz vermelha de segurança. Com o papel já colocado dentro da câmera da latinha, todos estarão prontos para exercitar sua experiência de artista fotográfico.

O ideal é que cada criança participante coloque a sua câmera da latinha em uma superfície estável, com o furo voltado para o que vai ser fotografado. Depois retira-se a fita isolante que estava cobrindo o furinho com todo o cuidado, considerando o tempo de exposição, que é sempre um tempo aproximado e varia muito de acordo com o tamanho do furinho e também da luminosidade do ambiente. Mas, se estiver um dia de bastante sol, o tempo de exposição é de cerca de 10 segundos. Um dia mais nublado pode chegar a 1 minuto, ou seja, quando estiver fotografando, precisa-se contar mentalmente números variáveis. É normal que, nas primeiras vezes com a câmera da latinha, haja perda de papel fotográfico causada por erros de exposição. Na primeira fase, o ideal é trabalhar com apenas cinco crianças para conhecer o processo e descobrir os tempos médios de exposição e revelação para o equipamento. Essa metodologia assegura que, na segunda oficina, hajam novos responsáveis capacitados para a instrução dos novos participantes. Quanto mais usá-los, mais vezes vão acertar e, com o passar do tempo, os erros serão mínimos e os resultados plásticos-visuais serão melhores tecnicamente, já que a beleza ficará a cargo das escolhas de cada um, ao determinar quais as imagens escolher, muito diferente de como sempre acontece nos processos educacionais adultocêntricos.

O tempo de exposição que a criança determina para a sua foto na câmera não poderá exceder e deve evitar movimentos na latinha enquanto o furinho estiver aberto, pois isso irá gerar imagens tremidas.

Para não correr o risco de confusão no momento da revelação, deve-se identificar qual químico está em cada bandeja, para garantir um bom resultado. Com a utilização da luz de segurança, abre a câmera "latinha" e retira o papel já fotografado e coloca dentro da primeira bandeja com o revelador. A primeira revelação normalmente excede e é recomendável cortar pedaços menores de papel fotográfico (dica: dividir o papel A4 em quatro partes para adolescentes e em 6 partes para crianças menores). O tempo de espera na revelação é em torno de 1 minuto, de acordo com as condições de luz natural, sempre observando a imagem aparecer.

Um detalhe muito importante para que as crianças participantes compreendam de imediato é que, se porventura a foto feita ficar preta muito rápido, significa que o tempo de exposição foi muito longo. Se demorar muito (ou nem aparecer a imagem) significa que o tempo de exposição foi muito curto na hora de exercer o papel de "artista fotógrafo experimental mirim".

Depois de retirar o papel da bandeja usando a pinça, deve-se deixar escorrer um pouco para eliminar o excesso de líquido revelador e colocá-lo na segunda bandeja com água, que serve para fazer a interrupção da revelação evitando que fique escura demais. Aguarda-se cerca de 30 a 60 segundos para escorrer o líquido revelador e, em seguida, o papel deve ser colocado na terceira bandeja, com o fixador. A partir dessa etapa, com o estoque do papel bem fechado em um envelope preto, já poderá ser acesa a luz normal para avaliar o resultado parcial e, cerca de 1 minuto depois, deve-se retirar a fotografia revelada com a pinça e levar para lavar em água corrente. Enfim, a fotografia original, autêntica e autônoma capturada pela máquina artesanal feita pela própria criança ficou pronta.

Como o resultado parcial (ou final, de acordo com o critério de escolha de cada criança) é uma imagem em negativo, ou seja, a imagem capturada pela criança fica invertida. No final, as crianças poderão usar um aplicativo online gratuito que possibilitará fazer a inversão de negativo para positivo para ter a versão final da sua foto na latinha.

Fazer e descobrir a fotografia na latinha é vivenciar a essência primordial da fotografia que antecede os memoráveis "lambe-lambes", desconhecidos por quase todas as crianças das comunidades rurais e do mundo digital atual. Mesmo sabendo que o que fazemos no mundo digital é, de certa forma, fruto da extensão e aprimoramento da técnica que experimentarão em mais outras edições para aprimorar o resultado do material, essa é uma experiência lúdica e encantadora que vai marcar para sempre cada participante dessas oficinas, principalmente as crianças de comunidades rurais e quilombolas, fora dos grandes centros.



Primeira experiência de teste da fotografia da latinha realizada na Rua da Farinha, próximo ao Terreiro Pai Benedito, no povoado Helvécia.-BA.

Atenção e cuidados para o professor(a) oficinairo(a)

1. Ao escolher o local para o laboratório, certificar se tem máxima vedação de luz;
2. Sempre instalar com grampeador de tapeceiro um pano preto (TNT) por fora e por dentro da porta do laboratório para garantir a vedação da luz totalmente;
3. Evitar tocar no papel fotográfico para não deixar marcas dos dedos, usar sempre as pinças;
4. Por segurança, NUNCA entrar no laboratório com número menor do que 3 participantes.



Evitar tocar no papel fotográfico para não deixar marcas dos dedos, usar sempre as pinças. Foto: Freepik.

Galeria

Participantes durante a oficina

Fotos do autor.



Planejando o passo a passo.



Planejando o passo a passo da atividade.



Participantes pintando o interior das latas.



Lata pintada pronta para o uso.



Se preparando para pintar o interior das latas.



Prontas para ação.



Colando as fitas isolantes.



Em ação: fotografando.



Fotografando.

Agradecimentos

Expresso minha profunda gratidão à minha orientadora, Profa. Dra. Lúcia de Fatima Oliveira de Jesus, por ter acolhido e aceitado com incondicional carinho a orientação no meio do caminho, paciência no processo de arregimentação da escrita e apoio cuidadoso ao longo do Mestrado que deu origem a essa cartilha.

Agradeço também aos professores do Programa de Pós-graduação, especialmente à Professora Dra. Lilian dos Prazeres, cujas aulas e valiosas sugestões foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, em especial ao professor Dr André Domingues por ser, além de professor, um torcedor do mestrando, sem economizar sugestões, questionamentos oportunos, críticas construtivas e demonstrar vontade em acertos com muita leveza. Ao PPGER – UFSB por proporcionar a oportunidade de realizar esse projeto com apoio técnico, fundamental para o processo.

Agradecimento especial aos colegas de curso que colaboraram diretamente na pesquisa, compartilharam ideias, ajudaram na descoberta dos resultados e pela motivação durante os momentos dúbios. Ao Murilo, que cuidou de manter a burocracia sempre em dia para que eu pudesse me organizar atentamente. Ao Alexsandro, pelas centenas de mensagens, sugestões e angústias partilhadas, até encontrarmos um caminho.

Um agradecimento especial à Heloyza, por ser a primeira colega no curso, mãe da Eliza, no percurso e em casa, para ler as primeiras tentativas.

Agradeço especialmente à minha querida companheira Regina, por seu amor e compreensão durante esses anos de trocas e construções, pela paciência e encorajamento contínuos que ultrapassa todo o entendimento.

Agradeço aos meus pais, que sempre acreditaram em todos nós, irmãos e irmãs e dedico este trabalho aos meus familiares em Minas e na Bahia, por todo o cuidado, apoio irrestrito e por me proporcionarem uma base sólida para a vida e para a minha formação.

O agradecimento é estendido ainda a quem apoiou, incentivou e tornou possível essa pesquisa e o seu resultado em forma dessa Cartilha, como o querido professor Longado, exemplo de liderança quilombola e de integridade, a Isadora, o Professor Dr. Valdir Nunes, a Adriana Pio, a Débora, a Candy Haesbaert da Paruna Editora, os

professores da Escola da Comunidade Remanescente de Quilombo de Helvécia e o Davi Lucca, por traduzir de forma tão sublime, a esperança das crianças do terceiro milênio.

Por fim, agradeço a todos os familiares e às crianças integrantes da pesquisa, cujas participações e contribuições foram essenciais para a realização deste estudo, em especial ao Seu Zé Maia e sua filha Ramilly Maia. Sem a colaboração de vocês, este trabalho não seria um resultado potente no Espaço Terreiro de Umbanda Pai Benedito em Helvécia.



O Professor Lucas Miguel (à direita) com o Pai de Santo Zé Maia, do Terreiro Pai Benedito.

O resultado

A seguir, algumas fotografias resultantes da Oficina, feitas pelos participantes.



Retrato de Abdias, Carolina e Machado I.



Retrato de Abdias, Carolina e Machado II.



Escola – Fachada Principal.



Visões da Estação I.



Visões de Estação II.



Comércio local.



Hora do Recreio na Escola.



Estudos de Bicicleta I.



Auto-retrato de Ogan.



Carro de Visita I.



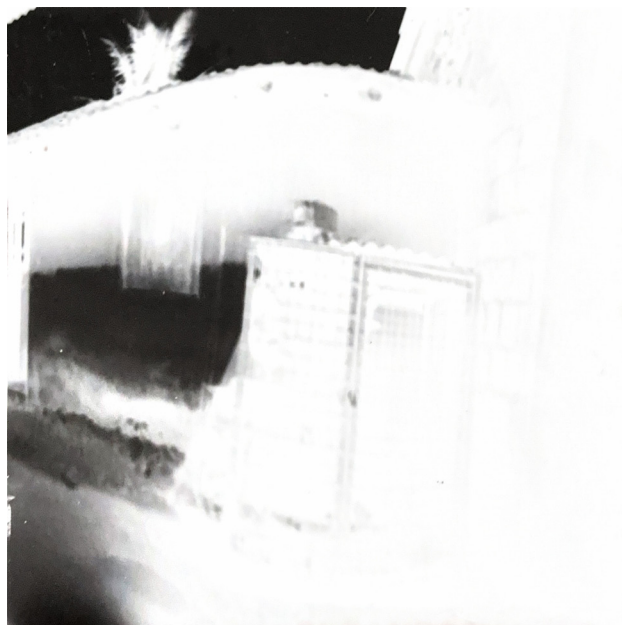
Carro da Visita II.



Abdias, Carolina, Machado e Conceição Evaristo I.

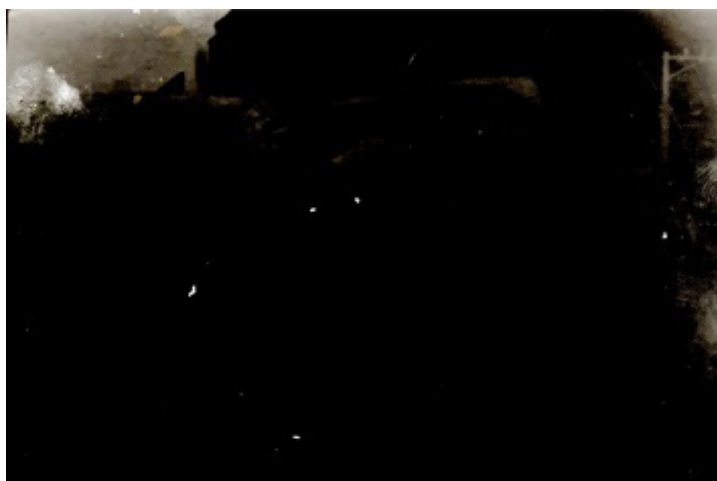


Abdias, Carolina, Machado e Conceição Evaristo II.



Gaiola de Saguim.

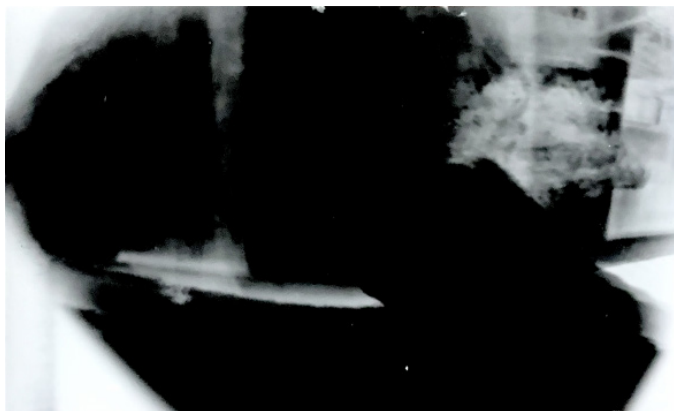
Série de estudos



Tentativa I – Fachada do Terreiro.



Tentativa II – Olhares do Sagrado.



Tentativa III – Fachada.



Tentativa IV – Fachada da Escola.

Referências

BARBOSA, A. M. *Arte: educação no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BYINGTON, Elisa Lustosa. *Giorgio Vasari e a edição das "vidas": entre a Academia Fiorentina e a Academia do Desenho*, Campinas, SP, 2011.

BAHIA. *Lei n. 13.182*, de 06 de junho de 2014. Institui o Estatuto da Igualdade Racial e de Combate à Intolerância Religiosa do Estado da Bahia.

BORGES, Luzineide Miranda. *Ciberxiré: redes educativas e o ciberativismo da juventude de terreiro da nação Ijexá*. 1. ed. Curitiba, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em 30 de mar. 2021.

_____. *Lei n. 10.639*, de 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da rede de ensino. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2003. Disponível em: . Acesso em: 14 fev. 2024.

CAPUTO, Stela Guedes. *Educação nos terreiros e como a escola se relaciona com crianças de candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

FUSARI, M. F.; FERRAZ, M. H. *A arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1992, p. 43.

MUNANGA, Kabengele. *Arte afro-brasileira: o que é afinal?*. Parallaxe, v. 6, n. 1, 2019.

MUTRAN, Flavya. *Série Lapso*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aSyCZmDlzoE>. Acesso em: 14 fev. 2024.

Sobre o autor

Lucas Miguel Teixeira possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Montes Claros-MG – UNIMONTES e em História pelo Centro Universitário de Várzea Grande-MT – UNIVAG.

Tem experiência na área de História, com ênfase em História, tendo atuado principalmente nos seguintes temas: pintura, arte educação, arte contemporânea, cultura popular e memória. Trabalhou para o Serviço Social do Comércio de Mato Grosso – SESCMT, na equipe de implantação da Unidade Operacional SESC Arsenal em Cuiabá, responsável pela Galeria de Arte, atividades de Artes Plásticas e para o SESCOAP, coordenando as Atividades de Artes Plásticas e Teatro (1997-2000). Coordenou o Grupo de Trabalho CULTURA E EXPRESSÃO ARTÍSTICA no evento da UNESCO: *Qual é o seu parangolé?*. Foi professor no Colégio Nair Sambrano, em Santa Cruz Cabralia-BA; no Colégio Objetivo, rede COC e Centro de Ensino do Amapá, onde ministrou as disciplinas de Arte & Comunicação e História.

Foi membro da Comissão Organizadora do Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha (1992-1996), produtor artístico do cantor e compositor Pereira da Viola, da Banda ZIG Vagalume/BH (1994-1996) e do recital "Rubens Espindola" – Sala Juvenal Dias – Palácio das Artes de Belo Horizonte-MG.

Na educação, publicou *Josaphat: paysages et poésie*, em *Revue Transes*, v. 1, p. 44, Guyane Française (2000); JANEIRA, Ana Luisa (org.), *O Mundo nas coleções dos nossos encantos*, na coleção de artesanato de palavras, *Revista Epistme*, UFRGS (2004); *Quinze anos de poesia*, Maria Fumaça, poemas, p. 88, CLESI (2000).

Organizou dezenas de exposições individuais e coletivas com destaque para *Mitataka* – Guiana Francesa; *Terra* – Sebastião Salgado, Nikko Kali; *Paisagens da alma*, Fayga Ostrower e *O Brasil de Portinari*.

Como designer trabalhou em agências de publicidade e editoras, foi autor de capas dos CDs: *Mucunã e Pena Branca ao Vivo em São Paulo* e *Terra Boa – Pereira da Viola*; Capas dos livros: *Vinho & Vertigem – Poemas*, de Claudio Bento, Editora Palesa-MG e *O Negro no Brasil desde a abolição da escravidão*, Editora SESC-MG (1992).



Realizou palestras e recebeu as premiações: *Patrimônio Cultural da Cidade de Pojuca-BA*, pela criação e redação do *Jornal Cultural Terceira Margem*; 1º lugar no Prêmio SESCOB com a capa do livro *O negro no Brasil desde a abolição da escravidão*; 1º lugar no Prêmio de criação de marca da Federação das Entidades Culturais do Vale do Jequitinhonha; 2º lugar no Prêmio Logomarca do Centro Cultural Brasil – URSS. Foi membro do colegiado do Prêmio Estadão de Cultura (2001, 2002 e 2003), em São Paulo; membro do Júri do III Salão de Arte do SESC Amapá e membro do conselho editorial da *Revista Transes*, na Guiana Francesa (1999-2000).

Atualmente é professor na Escola Municipal João Martins Peixoto, na comunidade remanescente de Quilombo de Helvécia, Bahia.

Essa cartilha é resultado do trabalho de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ensino das Relações Étnico-Raciais – PPGER, da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB. É uma síntese dos procedimentos sobre a investigação CRIANÇAS E VISUALIDADES: CRUZAMENTOS DO TERREIRO, DA ESCOLA E DO ENSINO DA ARTE, a partir da organização da oficina de Fotografia Artesanal da Latinha (pinhole) realizadas com as crianças que frequentam o Terreiro e a escola de Educação Básica na Comunidade Quilombola de Helvécia, no Distrito de Nova Viçosa, Bahia, com o objetivo de produzir e capturar as visualidades feitas por estas crianças para demonstrar a necessidade de renovação do Ensino da Arte na esfera da Lei n. 10.639/2003, além de colaborar para ajudar a recriar a leitura discriminatória manifestada em relação aos espaços dos Terreiros.

Além da discussão da educação antirracista, as oficinas proporcionaram um pré-acesso à cultura visual, do aprendizado da técnica fotográfica artesanal e da geração de imagens autorais na perspectiva de servir para evidenciar o processo criativo e autônomo das crianças frequentadoras de Terreiro, na Comunidade Remanescente de Quilombo de Helvécia.